

encia dos mesmos povos; porque em Sua Magestade sendo servido querer tomar parte, digo, resolução em huma Consulta do Conselho Ultramarino de vinte e oito de Fevereiro de mil setecentos e trinta e dois, sobre o negocio do Brasil, em direitura para a Costa da Mina, e Ilhas, estabelecendo a Companhia, que o Conselho lhe propõe na mesma Consulta, fechadas estas portas, por onde sae tanto ouro do Brasil, e pagando Sua Magestade nelle o ouro por mais alguma pequena porção do seu toque, he infallivel, que todo o ouro, que se tirar das Minas, venha a poder de Sua Magestade por vontade, e conveniencia dos particulares, que tendo assim com segurança, não se ham de pôr em risco da extracção, digo no risco da extracção delles, a que os faz sujeitar o maior interesse.

E para que este novo projecto se fizesse mais plausivel nas Minas, me parece accrescentar, que Sua Magestade, desse perdão geral a todos os particulares, que houvessem desencaminhado ouro, e que elles possam pedir em Juizo aos passadores as partidas de ouro, que occultamente, e debaixo de palavra ou oscripto lhe confiaram, e elles retém ainda em si, e que das execuções das Sentenças, se tire sómente a dizima para a Fazenda Real, em lugar do quinto, que já se acha perdido.

Tenho satisfeito do modo, que pude comprehender as objecções que se me offereceram ao systema proposto neste novo projecto, o qual se acha feito com muito acerto, grande trabalho e excellentes forma de arrecadação, e não duvido, que a practica, e o tempo descubram alguma fraude, a que se possa occorrer, o que presentemente não posso descobrir pelo que me conformo com elle na fórma, que tenho referido, e em tudo o mais, que elle contem. Lisboa Occidental desesois de Setembro de mil setecentos e trinta e tres. »

A EDADE DA PEDRA NO BRASIL

Memoria apresentada ao Terceiro Congresso Scientifico-Latino-Americano pelo dr. Nelson C. de Senna. (reunido em agosto de 1905, na cidade do Rio de Janeiro)

(Natural de Minas Geraes)

Continuação da pag. 427 do tomo XI, de 1906, desta Revista.

§ IX

AINDA OUTRAS CONTRIBUIÇÕES AO ESTUDO DA PALEONTOLOGIA NO BRASIL

D'As grutas calcareas de Iporanga (São Paulo), onde ha depositos ossiferos, o Sr. Ricardo Krone dá excellentes descripção na *Rev. do Museo Paulista*, vol. III, 1898 (*Caverna do Monjolinho*).

Dos rochedos do Ereré (Amazonas), onde ha inscripções, tratou o Professor C. Hartt, descrevendo-os minuciosamente.

O Captain Richard Burton (*The Highlands of the Brasil*, 1869, vol. I, pags. 423-431) fala das inscripções existentes nas seguintes localidades banhadas pelo Baixo-São Francisco (Bahia): *Ico da Ypoetra*, *Sítio da Itacoatiara*, *Pé da Serra*, *Salgado*, *Fazenda do Brejo*, *Olho d'Agua*, (*Piranhas*), *Ipanema*, etc.

Henry Koster, o já citado viajante inglez (1809-1815) se refere ás inscripções da Parahyba do Norte, bem como o naturalista francez Francis de Castelnau (1843-1847) dá noticia das inscripções de Matto Grosso, como a *Serra do Letreiro*, no Alto-Paraguay, tambem chamada *Letreiro da Gahyba*, segundo a versão do illustre medico e viajante brasileiro Dr. João Severiano da Fonseca (*Viagem ao redor do Brasil*, 1875-1878), no vol. I, pag. 327 dessa sua obra, onde vêm umas imperfeitas gravuras de taes glyphos.

O Dr. John Branner (artigo traduzido na cit. *Rev. do Inst. Archeol. do Recife*) fala ainda das inscripções de *Curamatan* (Piauhy), *Morro de Cantagallo* (Alto-Tapajoz), *Alcobaca e Jequerapuá* (Baixo-Tocantins), *Serra da Escama* (Obidos), *Cachoeira do Ribeirão* (rio Madeira), etc.

O Barão Alexandre de Humboldt (*Voyages aux régions équinoxiales du Nouveau Continent*—Paris, trad. de Galusky—) allude ás inscripções do Rio Oyapock, (fronteira do Pará com a Guyana Francaza), e do Rio Orinóco, no extremo norte do Brasil.

Em alguns outros auctores, como nas obras dos francezes E. Pissis - *La position géologique des terrains de la partie australe du Brésil* (1841)—o Emmanuel Liais, *Climats, géologie, faune et géographie botanique du Brésil* (1872); em L. Agassiz, *Scientific results of a journey in Brazil* (1865); em V. L. Baril, Comte de La Hure, *L'Empire du Brésil* (1852); em Milliet de Sainte-Adolphe, *Dicc. Geog. do Brasil* (trad. portug. do Dr. Caetano Lopes de Moura); em Mello Moraes, Senior (Dr. A. J. de), *Chorographia Historica & do Brasil*—(Rio, 1858, Typ. Soares de Pinho); em todos esses auctores existem referencias a varios monumentos prehistoricos do nosso paiz (ceramios, inscripções, pedras artificialmente sobrepostas, etc.).

Assim tambem em varios tomos da monumental colleção da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*—sabia associação a que temos a honra de pertencer, desde 24 de agosto de 1901, e que vem, desde 1839, prestando os mais valiosos serviços ao conhecimento do Brasil physico e social—ha as seguintes memorias e investigações relativas ao capitulo Inscripções, etc.

De uma *Itioca*, e das inscripções da Parahyba do Norte, com figuras insculpidas, falou Varnhagem (Visconde de Porto Seguro) tomos 37.º e 55.º; das inscripções da *Casa da Pedra*, no serrote da *Róla* (Ceará) tratou João Franklin de Alencar Nogueira, tomos 55.º e 56.º; das inscripções lapidarias encontradas em Goyaz vem, no tomo 37.º, um excerpto da *Corografia historica de Goyaz* pelo Brigadeiro Raymundo José da Cunha Mattos; e no tomo 1.º (março de 1839, pags. 66 e 98) se encontram descriptas as inscripções da *Gavea* (Rio de Janeiro).

O naturalista Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (fins do sec. 18.º) descreveo as celebres grutas ossíferas do *Inferno* e das *Oncas*, por elle visitadas, em Matto Grosso (tomos 4.º e 12.º, *Rev. cit.*); Tannay (Visconde Alfredo d'Eschagnolle) aponta cavernas e inscripções, no seu trabalho *Curiosidades naturaes do Paraná* (tomo 53.º); e sobre outros assumptos, vide: tomo 7.º—*Ossadas fosséis de Cantagallo* (Estado do Rio); tomo 53—*Urnas funerarias na praia de São Christovam*; tomo 12.º—*Archeologia indigena*, etc.

Possue o referido Instituto—que é hoje, segaramente, a mais antiga e a mais notavel associação scientifica da Sul-America—um Museo de objectos que interessam altamente á Archeologia, Paleontologia e Ethnographia de todo o Brasil.

§ X

A PALEONTOLOGIA EM MINAS GERAES—OS EXPLORADORES E SCIENTISTAS EXTRANGEIROS

Os estudiosos filhos de Minas Geraes reivindicam para a sua terra natal a prioridade nas indagações da paleontologia brasileira, pois já no seculo 18.º, em plena era colonial, sob o dominio portuguez, os nossos patricios Luiz Fortes de Bustamento e Sá, Domingos Vidal Barbosa, José Alves Maciel (estes dois foram da Conjuração Mineira, 1789-92) e Simão Pires Sardinha iniciaram estudos a respeito dos nossos fosséis, e nestas indagações lhes continuaram as pégadas, no sec. XIX, o sabio Lund, na Lagoa Santa, e outros Mineiros, como Manoel Bittencourt Camara, José de Accioli, Couto de Magalhães, Vieira Couto, Franklin Massena, Basilio Fartado, e poucos mais, que são amantes de taes estudos.

Entretanto, de modo directo ou indirecto contribuíram para a maior publicidade dos achados e pesquisas de fosséis, encontrados no territorio mineiro, todos esses notaveis viajantes, naturalistas e sabios estrangeiros, que percorreram Minas Geraes, ou aqui estiveram, durante o seculo XIX.

E' de justiça recordar-lhes os nomes benemeritos, nas paginas desta *Memoria*.

Devemos começar por Eschwege e Saint-Hilaire.

O notavel mineralogista Barão Guilherme von Eschwege viveo em Minas, nos tempos de D. João VI e Pedro I. Era Prussiano, major do corpo de engenheiros e percorreo o territorio mineiro em demoradas viagens, explorando jazidas de mineraes, no norte, centro e oeste. Suas obras principaes, escriptas em allemão (vide *Journal von Brasilien*, 1817 — *Geognostisches Gemälde von Brasilien*, 1822 — *Brasilien, die Neue Welt*, 1827 — *Beitrage zur Gebirgskunde Brasiliens*, 1832 — *Pluto Brasiliensis*, 1833) são ainda hoje preciosos mananciaes para bem se conhecer a geologia, as riquezas naturaes, o aspecto physico do Brasil central. Eschwege e Saint-Hilaire são, ao nosso ver, os europeos de maior benemerencia para Minas Geraes, nos principios do seculo XIX.

A respeito de Wilhelm Ludwig von Eschwege escreveo, brilhantemente, o nosso illustre confrade sr. dr. Alfredo de Carvalho (do Recife, 1906):

«Foi o pae da geologia brasileira e o estrangeiro que mais abundantemente escreveo sobre Minas Geraes.

Nascido em Eschwege, no grão-ducado de Hesse, na Allemanha, a 15 de novembro de 1777, depois de serios estudos especiaes, entrou

ao serviço de Portugal, em 1803, e, seguindo a família real ao Brasil, permaneceu aqui, até 1821, no exercício de varios cargos, entre elles os de director do Real Gabinete Mineralogico e de Intendente das Minas.

O que, porém, constitua o seu maior titulo á benemerencia dos Brasileiros são as suas vastas e profundas investigações nos domínios da geologia e da mineralogia, ás quaes se devotou sem pausa durante os onze annos que residio ora no Rio de Janeiro, ora em S. Paulo e ora em Minas Geraes, cujo territorio percorreu em repetidas viagens.

Conbe-lhe realisar em grande parte a magna empresa apenas esboçada por Mawe, a quem se avantejou consideravelmente na extensão dos conhecimentos technicos e sobretudo em largueza de orientação philosophica.

E' extensa a reseha dos seus trabalhos publicados.

Já em 1816 d o á luz nas *Memorias da Academia Real das Sciencias*, de Lisboa (Tom. IV, Part. 2.ª pp. 65-76), o *Extracto de uma memoria sobre a decadencia das minas de ouro da Capitania de Minas Geraes, e sobre varios objectos montanisticos*, e, em 1817, nos *Neue Jahrbucher fur Berg- und Huttenkunde*, de Moll (Vol. III, pag. 323), um estudo *Sobre a occurrencia do ouro nativo em Minas Geraes*.

Depois de uma viagem por terra do Rio de Janeiro a São Paulo e Ipanema, passou Eschwege para Minas pela estrada de Campanha a São João d'El-Rey e estabeleceu-se em Villa Rica, donde fez varias excursões na região aurifera e diamantina, adeantando-se para o occidente até as divisas de Goyaz. Perto de Villa Rica estabeleceu elle uma pequena fabrica de ferro pelo processo directo, a qual servio de modelo para os numerosos estabelecimentos congeneres que depois se fundaram em Minas; na mina da Passagem introduziu os processos e machinismos mais aperfeiçoados daquelle tempo para a extração e tratamento do minerio do ouro. Em outras condições de meio, diz Orville Derby, e com uma população mais avida de progresso, qualquer destas tentativas teria sido de grandes consequencias, tornando o seu autor merecedor da gratidão nacional.

Aconteceu, porem, que os mineiros inglezes, que começaram as suas operações alguns annos mais tarde, tiveram as honras dos melhoramentos introduzidos na mineração do ouro; e que, na industria do ferro, as construcções de fornos altos, por Varnhagem em Ipanema e por Camara no Morro do Gaspar Soares, que nenhuma influencia tiveram para o desenvolvimento da industria, têm attrahido muito mais attenção do que o mais modesto e fecundo esforço de Eschwege.

Em 1818, estando ainda no Brasil, publicou Eschwege, em Weimar, os dois volumes do seu *Journal von Brasilien*, especie de dia-

rio de viagem, incluindo informações de alto apreço sobre a geologia, chorographia, ethnographia e estatistica da zona visitada.

Voltando á Europa, em 1822, deu immediatamente á luz o *Geognostisches Gemalde von Brasilien*, pequeno folheto de 44 paginas, no qual esboçou com mão de mestre o systema orographico do paiz o resumio as suas observações geologicas de onze annos, com uma discussão da matriz provavel do diamante.

Este trabalho foi seguido, em 1827, por *Brasilien, die Neue Welt topographischer, geognostischer, bergmannischer, naturhistorischer, politischer, und statistischer Hinsicht* — serie de memorias entre as quaes dizem particularmente respeito a Minas Geraes as seguintes:

«Viagem ás minas de chumbo de Abaeté, e de lá á vizinha provincia de Goyaz, aos indios Xigriabás e Bororós, em 1816. Noticias sobre o descobrimento de diamantes no Districto de Serro Frio e no sertão de Inaiá e de Abaeté. Noticias sobre as tribus selvagens no Brasil. Vocabulario da lingua dos Coroados. Viagem do Rio de Janeiro a São Paulo e de lá á Villa Rica. Noticias e observações hydrographicas. Sobre a população do Bispado de Mariana, na provincia de Minas Geraes, principalmente em relação ao augmento da população e á mortalidade. Determinações da latitude e longitude, segundo varios mathematicos e astrónomos».

Sob o titulo *Beitrag zur Gebirgskunde Brasiliens* fez apparecer em 1832, uma ampliação do *Geognostisches Gemalde*, em cuja primeira parte inventaria mendamente as observações em que se baseia e na segunda fornece um apanhado das notas de interesse geologico esparsas na narrativa das viagens de Spix e Martius, interpretadas á luz das suas proprias investigações.

O *Pluto Brasiliensis*, apparecido em 1833, é um tratado historico, estatistico e technico da industria de mineração no Brasil e dos mineraes de importancia industrial então conhecidos.

Graças a estas diversas obras, diz o citado Orville Derby, «nenhum paiz do Novo Mundo foi, naquella época, melhor nem tão bem estudado, sob o ponto de vista da sua estrutura geologica e technologia mineral, como o Brasil.» E acrescenta: «Em parte alguma do mundo tem o investigador de hoje menos a criticar e corrigir na obra do pioneer, e o nome de Eschwege merece ser collocado bem alto na lista dos notaveis geologos que receberam a inspiração do grande mestre Werner.»

Principalmente no que respeita a assumptos montanisticos, geologicos e mineralogicos relativos ao Brasil, diz Oscar Canstatt, von Eschwege é considerado como autoridade de primeira ordem, e a exactidão da maioria das suas informações tem sido verificada pelos viajantes e exploradores que se lho seguiram, e ainda hoje as suas obras são consultadas com proveito, na falta de noticias e informações mais modernas sobre as regiões que visitou.

Na opinião do grande Goethe suas investigações geológicas demonstraram sobretudo a identidade de origem das formações orográficas do Novo com as do Velho Mundo. São de importância permanente os seus estudos relativos à matriz primitiva do ouro e do diamante no Brasil e à ocorrência do itacolúmito, por elle primeiramente descripto.

Escriptos em allemão os preciosos trabalhos de Eschwege têm permanecido pouco accessíveis ao geral dos estudiosos brasileiros, e só recentemente o sr. dr. Rodolpho Jacob tomou a hombros a meritória tarefa de passar alguns delles para o portuguez, havendo já dado à luz, na excellente e utilíssima *Revista do Archivo Publico Mineiro*, as traducções de *Noticias geognosticas e montanisticas sobre lavras de ouro de Minas Geraes* (Vol. II, pp. 611-738); *Ocorrência e jazidas do ouro* (V. III, pp. 519-577) e *Noticias e reflexões estatísticas da provincia de Minas Geraes* (Vol. IV, pp. 737-762).

Seria em extremo para louvar o proseguimento de empresa tão fecunda quanto a de vulgarisar as valiosas produções do operoso e illustre geologo allemão, fallecido, em Wolfsanger, perto de Cassel, a 1 de Fevereiro de 1855. (Vide *Anuario de Minas*, vol. II, de 1907, pag. 606 608).

Realmente, como escreve Alfredo de Carvalho, o nosso patricio sr. dr. Rodolpho Jacob (prof. do Gymnasio Mineiro), deo na *Rev. do Arch. Publ. Mineiro* as traducções das *Noticias geognosticas e montanisticas sobre as lavras de ouro de Minas Geraes* (vol. II, p. 611); *Ocorrência e jazidas de ouro* (vol. III, pp. 519-577) e *Noticias e reflexões estatísticas da provincia de Minas Geraes* (vol. IV, pp. 738-762), notáveis escriptos do Barão Guilherme de Eschwege, cuja obra passa a vernaculo o mesmo traductor, cremos que por ordem do Governo Federal.

Seria em extremo para louvar o proseguimento de empresa tão fecunda quanto a de vulgarisar as valiosas produções do operoso e illustrado geologo allemão Von Eschwege, fallecido em Wolfsanger, perto de Cassel (Allemanha), a 1.º de fevereiro de 1855.

Diz ainda o illustrado pernambucano sr. dr. Alfredo de Carvalho:

« Com o merito dos serviços prestados por Eschwege, no estudo da geologia de Minas Geraes, pôde francamente rivalisar o das investigações da sua flora por Augusto de Saint-Hilaire. »

É facto. Este sabio viajante francez foi um benemerito vulgarizador das riquezas naturaes e dos costumes do povo brasileiro, nas antigas provincias meridionaes (Minas, S. Paulo, Goyaz, Santa Catharina). Suas obras devem ser lidas por todos os nossos patricios.

A estas palavras, por nós escriptas n' *A Provincia*, (em 1907) queremos juntar agora uns poucos traços biographicos, que temos colligido sobre o viajante orleanez, tão frequentemente citado e compulsado por quantos escrevem, em nosso paiz.

Augusto de Saint-Hilaire, como se sabe, era de Orleans (França), e ahí nasceo (1789) e morreo (1853). Viajante, naturalista, escriptor de renome universal, Saint-Hilaire era muito moço, quando veio para o Brasil (1816), na comitiva do duque de Luxemburgo, embaixador de Luiz 18.º junto à corte de João 6.º, no Rio de Janeiro. Durante 6 annos (1816-1822), o sabio francez percorreo as provincias meridionaes brasileiras, as visinhas republicas do Uruguay e Paraguay; e quando voltou à França, levava uma bagagem preciosa para as sciencias naturaes e para a geographia e linguistica, tanto nas vastas collecções de plantas, insectos, mamíferos, reptis, peixes e mineraes colhidos, principalmente, no Brasil (Minas Geraes, São Paulo, Goyaz, Matto Grosso, Bahia, Santa Catharina, Rio Grande de Sul, Espirito Santo e Rio de Janeiro), como nos preciosos subsidios para o estudo dos valles hydrographicos do nosso paiz, dos costumes e tradições do Brasil, dos dialectos e linguas dos nossos selvicolas, &c.

Dessas penosas viagens pelos sertões brasileiros quasi resultou a cegueira para Saint-Hilaire, que de retorno a seu doce paiz de França teve de se resignar a esperar algum tempo (tratou-se em Montpellier), o restabelecimento de sua saude abalada, até que pudesse pôr em ordem e editar os seus notáveis manuscriptos, cuja publicação lhe valeo geraes elogios, no mundo scientifico europeu, e a nomeação de membro da Academia das Sciencias de Paris (1830). Quanto ao Brasil, escreveu elle, como botanico: *Flora Brasiliae meridionalis* ou *Histoire et description de toutes les plantes qui croissent dans les différentes provinces du Brésil* (Paris, 1825, 3 vols. in 4.º, com illustrações e mappas), tendo tido nessa obra copiosa de sciencia a collaboração dos naturalistas francezos Jussieu e Cambessèdes; e como viajante escreveu e publicou: *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes* (1830, 2 vols. in-8.º); *Voyage dans le district des diamants et sur le littoral du Brésil* (1833, 2 vols. in-8.º); *Sur le système d'agriculture adopté par les Brésiliens* (1833, in-8.º); *Voyage aux sources du rio de San-Francisco* (1847-1848, 2 vols. in-8.º); e, finalmente, *L'Agriculture et l'élevage du bétail dans les Campos-Geraes* (Brésil), em 1 vol., in 8.º, 1849.

Em todos esses magnificos trabalhos Augusto de Saint-Hilaire se revela um observador habil, erudito e sagaz, um espirito tolerante, e, sobretudo, de uma franca sympathia pelos homens e cousas do Brasil. Nisto está para nós o grande valor da obra amavel e erudita de Saint-Hilaire, de quem aspiramos a honra de ser, em breve, o modesto traductor, commentando-lhe os livros referentes ás suas proveitosas viagens à terra querida de Minas Geraes.

Muitos desses europeos illustres que por aqui viajaram, se deixaram ficar em Minas Geraes. Seria muito grande uma lista de todos elles.

Allemaes, acodem-nos os nomes do bávaro dr. Carlos Frederico von Martius (de Munich) e de seu jovem companheiro Spix, ambos naturalistas, um botânico, outro zoólogo, que de 1817 a 1820 conviveram com os Mineiros; do naturalista João Mancel Pohl (em Minas, de 1817 a 1821), dos engenheiros Henrique Guilherme Fernando Halfeld (natural de Hanover, e antigo soldado de Blucher, em Waterloo, veio para Minas, em 1825, e aqui ficou até morrer, em 1873); Henrique Gerber, profissional notavel, que viveo conosco muitos annos; e Bruno von Sperling, que após larga residencia entre nós falleceu octogenario, em Ouro Preto (1903); do naturalista Carlos Schreiner (de Saxe Weimar), fallecido em Barbacena, em 1896.

De Francezes a lista é copiosa: o dr. Henri Gorceix (o sabio creador da Escola de Minas de Ouro Preto, em 1876, e hoje em Limoges); o dr. Victor Renault, engenheiro e medico, fallecido em Barbacena, em 1892; o grande geographo Elisée Réclus, que em 1893, foi nosso hospede; o benemerito civilizador dos nossos Indios, Guido Thomas Marlière, vindo para Minas em 1808; e o engenheiro de minas dr. Paul Ferrand, fallecido em 1895. Ainda os nomes do inglêz John Maw, o auctor da excellente obra *Travels in the interior of Brasil*; do venerando educador padre Bartholomeo Francisco Xavier Sipolis, naturalista, italiano; do viajante inglêz Richard Burton, do professor De Bovet, do engenheiro francez Martinot, e muitos outros — são tambem caros à Terra de Minas.

Pelas datas, pôde-se ver a frequencia desses viajantes-naturalistas, em Minas.

Assim, John e Maw (1809) os citados Eschwege (1811-1822), e Saint-Hilaire (1816-1822); Dr. Olfers, prussiano (1817), outro allemão, o dr. Franz von Sellow (1817-1830, anno em que morreu afogado no Rio Doce); Joham Pohl (mineralogista allemão, 1818); Spix e Martius, como já vimos, de 1817 a 1820; Marlière, vindo em 1808 e cá se deixou ficar até 1843, data de sua morte, aos 44 annos de idade, o naturalista dinamarquez Peter Claussen (1840-41); o geologo francez E. Pissis, fallecido no Chil., e que aqui esteve, em 1840; o naturalista russo Robzoff (1840); o allemão dr. Virgil von Helmreichen, geologo (1844-45) a expedição do Conde Francis de Castelnau, E. d'Oséry, Freyriss e Riedel (Dezembro de 1843); Heusser e Claraz (1850); Milliet de Saint-Adolphe, o viajante e geographo francez tão conhecido (1845), etc.

§ XI

AS INSCRIPÇÕES LAPIDARES NO BRASIL.

Uma resenha de todos os monumentos prehistoricos, já descobertos e conhecidos, no Brasil, nos consumiria por largo tempo a attenção. O capitulo—*Inscripções*, por exemplo, é muito extenso.

Dellas, as mais curiosas são as do valle do Amazonas, onde um povo certamente anterior às tribus selvagens da *era historica*, as pintou, desenhou ou gravou, em rochedos e pedras.

São as *itacoatiaras* (*pedras pintadas*, em tupy ou *nheengatú*) tão bem estudadas pelo Professor Carlos Hartt, engenheiros Orville Derby, Carlos Morsing, professor Rumbelsperger, Ferreira Penna, que as copiaram do natural e remetteram as copias para o Museo do Rio de Janeiro, onde se podem ver os originaes desenhos, as bizarras figuras de taes inscripções, cheias de arabescos, emblemas de guerra, cabeças ornadas de diademas, representações de animaes, como o crocodillo, o jaboty, etc. A cidade de *Itacoatiara* (antiga Serpa), no Estado brasileiro do Amazonas, fica proxima ao sitio onde se vêm essas *pedras pintadas*, que lhe deram o nome.

O sr. Dr. J. Barbosa Rodrigues — que desde 1871 começou a explorar e estudar o valle do Amazonas — em seu livro *A Pacificação dos Crichands*, (pags. 168-170), nos dá noticias de umas outras inscripções, e pinturas gravadas em varias pedras e rochedos, à beira-Rio Negro; no sitio das Igrejinhãs, na villa de Moura, em Itarendáua (*pedregal*, em lingua indigena), na ponta da Ribeira, na ilha da Salvação, em Ayraõ e na enseada do Puiry.

As do Puiry são duas curiosissimas figuras de mulher, na face norte de uma rocha, às quaes o povo do lugar dá o nome de *Santa Rita* — tal a semelhança dos trajos da figura (que tem um resplendor lhe encimando a cabeça), com a santa catholica, padroeira da povoação do Puiry.

No Rio Uaupés (cachoeira Jaurité), nas Lages (Rio Negro) e no Rio Urubú, existem tambem inscripções, de que o naturalista brasileiro citado (hoje Director do Jardim Botânico do Rio de Janeiro) afirma possuir copias authenticas.

Algumas das inscripções de Santa Rita do Puiry e de Itarendáua foram photographadas e outras copiadas pelos exploradores italianos Conde Ermano de Stradelli e Camillo Vedani.

Povos prehistoricos da Amazonia teriam alli insculpido essas imagens e symbolos, que bem merecem ser estudados, mesmo porque ha quem conteste a vetustez de semelhantes inscripções.

Tanto nos Estados brasileiros do extremo norte, como no Perú, Colombia, Guyanas, são bem frequentes, aliás, essas inscripções e imagens sobre rochas; e dellas se nota uma certa falta de uniformidade, explicavel pela rudimentar cultura artistica desses povos de uma raça primitiva.

O explorador inglêz Sir Robert H. Schomburgh encontrou identicas inscripções lapidares e ornatos e figuras symbolicas em alguns pontos das serras divisorias do Brasil com a Guyana Inglesa: no Tacutú, no rochedo do Essequibo, na montanha da Lua, etc.

Na serra do Erêrê (Amazonas) o naturalista Sr. Dr. João Martins da Silva Coutinho encontrou uma imagem do Sol (reminiscencia da

civilização peruviana dos Incas), que elle mutilou, querendo destacar a do rochedo, onde estava insculpida; e desastre igual aconteceu depois ao referido Schomburgh, no Essequibo.

O dr. Silva Coutinho achava-se então no norte, em companhia do Sr. Dr. Guilherme Schuch de Capanema (hoje Barão de Capanema), fazendo parte da secção geologica da grande Comissão Scientífica Brasileira, de 1857, organizada pelo governo Imperial, por iniciativa do Instituto Historico e Geographico (do Rio de Janeiro).

De Minas Geraes, possui o Museo do Rio de Janeiro alguns monumentos prehistoricos, provenientes de pesquisas feitas nas grutas da Serra de São Geraldo e no valle do Rio Pomba (onde outrora acamparam nações selvagens de remota origem) pelo naturalista-viajante sr. A. de Miranda Ribeiro e pelo sr. Dr. M. B. Furtado, ambos naturaes de Minas. De outras procedencias tambem alli têm ido ter objectos encontrados não só em Minas, como em outros pontos do sul do paiz (São Paulo, Paraná, Matto Grosso).

Na bacia do Rio das Mortes (Minas) têm sido colhidos muitos exemplares da nossa fauna fossil; e da serra de São Thomé das Letras (Ayuruoca) foram pela Comissão Geographica e Geologica Mineira copiados os glyphos e inscripções, que alli se vêem e estão reproduzidos no *Relatório da Secretaria da Agricultura de Minas* (1895).

Pena é que das inscripções de alguns rochedos, na Serra do Bibriry e São Francisco, em Diamantina; da Pedra do Resplendor e do Lajão do M (*emme*) no Rio Doce; da Serra do Itambé do Matto Dentro; da Serra dos Martyrios, em Raposos de Sabará; da Serra de São Thomé das Letras, em Ayuruoca, pontos esses de Minas, onde se diz haver pinturas e inscripções com symbolos, imagens e glyphos, formando *cartouches* enigmaticos; não se tenham ainda tirado copias, que, levadas aos epigraphistas, sejam traduzidas ou possam ser interpretadas.

Está ahí outra sciencia, a epigraphia creada na Europa, durante o seculo 19.º, e que no Brasil não tem cultores.

Entretanto, é ella o archote—diz um escriptor—que aclara as descobertas archeologicas, que as decifra ou interpreta, e dá-lhes o cunho authenticico da ancianidade e do valor scientificico.

§ XII

ACHADOS ARCHEOLOGICOS NO BRASIL COLONIAL E MODERNO

Mesmo na era colonial surgem no Brasil os achados archeologicos sobre inscripções e monumentos.

Para confirmar a asserção, lembraremos que, durante o dominio hollandez, em Pernambuco, tendo o Conde João Mauricio de Nassau despachado do Recife (*Mauritzstadt*) ao sabio flamengo Elias Her-

ckmann (1641), para ir pelo sertão a dentro em busca de minas de metaes preciosos; em vez de taes thesouros, o que Herckmann encontrou foram vestigios de um povo-prehistorico, cujas tradições jáoram perdidas entre os selvagens daquellas bandas.

Consistiam taes vestigios em monumentos *megalithicos* do periodo da pedra polida: grandes pedras arredondadas por mão humana, de 16 pés de diametro e grande altura, empilhadas uma sobre outra; e algumas pedras talladas em fórma de altares, que o historiador Gaspar Barlaeus (Van Baerle) compara aos monumentos neolithicos de Drent, na Belgica, como se pode vêr da obra latina de Barlaeus: *Rerum per octemniun in Brasilia et alibi gestarum sub praefectura Mauritiū, Nassovii Comitit, historia, Amstelodami, 1647, pags. 217 e 218* do texto latino da impressão de F. Cleve, em 1660 (Amsterdão).

Os indios Potyguaras, que acompanharam a Elias Herckmann, não deram noticia de que tribu alguma costumasse erigir semelhantes monumentos, que sem duvida pertenceram a algum outro povo senhor do paiz e anterior á actual raça selvagem, diz Robert Southey, no vol. 4.º, pags. 417—18, da sua *Historia do Brasil* (trad. do Dr. Luiz J. de Oliveira e Castro, na ed. de 1862, Rio de Janeiro).

Na comarca de Flores (Estado de Pernambuco) existem «duas bellissimas pyramides de granito, com 148 a 150 palmos de altura cada uma», no logar chamado Pedra Bonita, a 6 legoas do sitio Belém; e «dessas duas pyramides immensas de pedra massica, de cor ferrea e de fórma meio quadrangular, que, surgindo do seio da terra, defronte uma da outra, elevam-se sempre á mesma distancia, guardando grande semelhança com as torres de uma vasta matriz, a uma altura de 33 metros, approximadamente», vem uma linda estampa ou desenho do natural pelo Padre Francisco J. Correia de Albuquerque (1838) no n. 60 (dezembro 1903), da *Rev. do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*.

! Não será essa Pedra Bonita—onde o fanatismo creou o celebre «Reino Encantado» da comarca de Villa Bella, em 1838—o mais notavel vestigio dos monumentos, a que se referia Herckmann, o naturalista hollandez, em 1641?

Na *Rev. cit.*, pags. 249—261, appareceo a traducção portugueza, feita pelo Sr. Dr. J. Bapt. Regueira Costa, de um excellento estudo publicado nos Estados Unidos, no *American Naturalist*, de Philadelphia, pelo Professor John C. Branner, sob o titulo *Inscripções em rochedos do Brasil*.

O Prof. Branner illustra o seo trabalho com desenhos originaes de varias figuras e inscripções, por elle achadas em Cacimba-Cercada e no Rio da Pedra Pintada (em Pernambuco), nas pedras de Sant'Anna (Estado de Alagoas); e remata o seo escripto de 1884, enumerando varias outras inscripções, no Brasil, referidas nas obras do *captain* Richard Burton, do Rev. H. Koster, do Dr. João Severiano da Fonseca, do Franz Keller Lenzinger, etc.

Transcreveremos aqui estas eloquentes palavras do Prof. Branner:

«Seria muito para desejar que as inscrições e pinturas indianas dos rochedos do Brasil fossem cuidadosamente desenhadas ou photographadas, o mais breve possível; porque, expostas, como estão, aos elementos e não sendo objecto de um cuidado especial, cada anno, que se passe, as tornará menos distinctas, e, si não forem preservadas por esse ou por qualquer outro meio, com ellas desaparecerá a ultima esperança, que alimentamos, de conhecer a vida dos habitantes prehistoricos do Brasil.

«O facto de nenhuma interpretação se haver dado a esses rudés *glyphos* deve ser um incentivo para sua compilação e estudo. Na verdade, ainda poderemos procurar a sua interpretação, reunindo os annos dessa cadeia que prende a civilização de hoje á dos seculos sepultados agora nas trévas». *Rev. cit.*, pag. 259.

E sobre os trabalhos do professor Branner, em materia de archeologia e geologia brasileiroas, o distincto sr. dr. Regueira Costa tem-se feito um benemerito vulgarizador, traduzindo-os em vernaculo, commentando-os e preparando mesmo um novo e interessante trabalho illustrado sobre os *Glyphos lapidares no Brasil*, para o qual lhe fornecemos, ha tempo, as copias officiaes dos *lithoglyphos* de Minas, publicados nos *Relatorios* do dr. Francisco Sá, quando Secretario da Agricultura (1894-96).

§ XIII

NOTÍCIAS DE ALGUNS FÓSSEIS ENCONTRADOS EM MINAS GERAES

Em Minas Geraes, occorre-nos citar o achado de um esqueleto *monstro* de algum animal das eras diluvianas da terra, encontrado nas proximidades do então arraial (hoje cidade) de Prados, valle do rio das Mortes, 1785, durante o governo do General Luiz da Cunha Menezes, que em officio de 26 de agosto daquelle anno, participou á Metropole a interessante descoberta. O esqueleto media 56 palmos de comprimento e 46 de altura e foi posto a descoberto num desmorte das lavras auríferas do padre José Lopes, não sendo o primeiro fóssil allí encontrado na zona. O celebre *Fanfarrão Minézio* (appellido do Governador Luiz da Cunha) fez-o estudar pelo notavel naturalista Sargento-mór Simão Pires Sardinha, que então vivia em Villa Rica (Ouro Preto) e arrecadou parte das ossadas do interessante exemplar da fauna prehistorica mineira.

Um caixote levou a Portugal parte do esqueleto, para ser lá convenientemente estudado e classificado. Nada, porém, conhecemos de taes estudos. — Em 1895, numa gruta ossifera a 9 kilometros da cidade mineira de Santa Luzia do Carangola, perto das *Aguas do Ferve-*

douro, um grupo de excursionistas descobriu a 2 de novembro, em cima de uma pedreira muito escabrosa, cercada por matta virgem, uma sepultura cavada na pedra e contendo ossadas e caveiras de vinte individuos, parecendo se tratar de uma necropole selvagem. Nenhum estudo, igualmente, se fez desse novo achado, de que talvez pudessem resultar interessantes determinações do typo do nosso selvicola primitivo, da sua craniometria, estatura, etc.

—Mais recentemente, em 1905, andava um habitante de Concordia (Theophilo Ottoni), a 12 de novembro, entretido em tirar uma colmeia de abelhas sylvestres, na matta, quando encontrou no lugar denominado *Aguas-Bellas*, quatro vasilhas de barro, em fundura de 12 palmos, distante do rio Mucury do Norte, 100 braças, sendo que o lugar ha mais de trinta annos é habitado por pessoas que o posseream, ainda quando matta virgem. As vasilhas são as seguintes, diz um informante:

«Uma enorme panella, que leva 160 litros, uma outra de 80, uma de 22, e a outra de 6, todas de barro, tão bem feitas e bem pintadas que têm se admirado todos que já as viram, e ainda não houve aqui uma pessoa que fizesse uma idéa de qual fosse o principio destas obras existentes no centro da terra, na distancia de 12 palmos e em terreno tão solido».

—Desses achados são ás dezenas, no territorio mineiro. Nós mesmos obtivemos no Collegio Dom Bosco, dos Padres Salesianos (de Cachoeira do Campo) alguns cacos de vasos encontrados num brejo proximo do Collegio e que foram á toda evidencia, allí sepultados, no meio de ossadas fósseis o que revela se tratar de *igaçabas* indianas de alguma tribu ha seculos acampada no lugar.

—Do Jequitibá (Rio das Velhas) temos um interessante exemplar de *botoque* ou machadinho de *amazonita* ou *jadeite*, allí encontrado por entre varios fósseis e unico objecto salvo da destruição por obsequio de um amigo que nol o offereceo, o sr. coronel F. Mascarenhas.

O povo nenhum apreço liga a essas *bagaceiras* e daí o se perderem tantos achados preciosos, contemporaneos do periodo da «pedra polida», na rude civilização dos aborigenes do Brasil.

—Do estudioso sr. Eng.^o Hildebrando A. Pontes, residente em Uberaba, e que é um investigador perseverante das tradições da região do Triangulo Mineiro, temos as seguintes informações, em novembro de 1907:

«Ha poucos dias, contou-me o nosso Bispo Dom Eduardo que, hade haver cousa de 2 annos, um fazendeiro lá das bandas de Patos ou Sant' Anna do Paranahyba (cabeceiras), lhe dissora que em sua fazenda tinha uma *cerca feita de ossos*. Tomando o Prelado interesse em saber que ossos eram esses, que o visitante lhe disséra terem sido retirados de um lugar em que os ha em grande abundancia, concluiu que se tra-

tasse talvez de gigantescos fósseis, e, como taes, valiam uma fortuna. Retirando-se o homem, esqueceu-se o Bispo de tomar nota do seu nome e da fazenda em que reside, sabendo contudo que o lugar fica proximo a uma daquellas duas localidades. E é só o que pude ficar sabendo.

Era conveniente que por essa descoberta (?) se interessasse o governo, porque—a ser verdadeira—o razeiro que desconhece o valor desses achados, nenhuma conta delles faz e assim se perderão tão importantes documentos para a determinação exacta da idade geologica daquella região de Minas.

Patos e Sant'Anna ficam a leste do Triangulo; a ultima para dentro, no extremo oeste.

Vou indagar disso direito, procurando corresponder-me, por apresentação, a alguma pessoa de lá.

Tambem na ponte do *Surubi*, no Rio Grande (mun. de Santa Rita de Cassia) segundo estou informado, têm sido descobertas innumeradas urnas fanerarias ou *igacubas* que têm sido quebradas pelo povo, que nenhum interesse liga a esses achados. E' pena que tudo isso se dê». (Carta cit. em meo poder).

§ XIII

SYNTHESE DA CLASSIFICAÇÃO GEOLOGICA DO BRASIL

Como synthese da classificação geologica do Brasil, pode-se tomar o que escreveram os finados compatriotas dr. Alfredo Moreira Pinto, na sua *Chorogr. do Bras.*, 7.^a ed., 1902, pag. 17, e o sr. R. Villa-Lobos, *ibidem*, 4.^a ed., 1901, pags. 18 a 20.

«A geologia da vasta area do Brasil é relativamente desconhecida. Antes de 1767, não se tinham encontrado fósseis, e as investigações posteriores de Eschwege, Sellow, Martius, Pissis, D'Orbigny e outros eram exclusivamente geognosticas. Embora de grande valor, a identificação e a classificação de terrenos, que apresentaram, eram muito deficientes, por não se fundarem na paleontologia.

A base de uma verdadeira divisão paleontologica foi lançada pelas recentes investigações de Hartt e seus colaboradores. Ainda ha muito que fazer, porém, já se conseguiu uma noção mais clara da estrutura geologica do paiz».

Da interessante compilação de Villa-Lobos (vide *Chorographia do Brasil*, op. e loc. cit.) trasladamos o seguinte resumo, que dá, quando menos, uma ideia geral do assumpto.

«E' de uma época relativamente recente que data o estudo da estrutura geologica brasileira, figurando Hartt e Derby dentro os seus principaes investigadores. Na opinião do referido professor Derby, a divisão paleontologica brasileira é assignalada nas seguintes especies», que agora apenas mencionamos, em seus traços geraes:

a) Terreno *Archeano* — composto de antigas rochas metamorphicas, que constituem a maior parte das montanhas, e dividido em duas grandes séries. A primeira foi classificada por Hartt no systema *Laurenciano*, e é caracterizada pelo *Eozon* canadense ali encontrado; esta é a mais antiga e constante de rochas altamente crystalinas, como granito, syenita, gneiss e micaschisto.

«A segunda série, referida ao systema *Huroniano*, não é tão crystalizada como a precedente, e compõe-se de quartzitos, schistos, mineras de ferro e calcareo, que caracterizam as regiões mineiras da Serra do Espinhaço, da Serra da Canastra, da Matta da Corda e das montanhas de Goyaz».

Resumindo as demais divisões da classificação do dr. Orv. Derby, temos:

b) Terreno *Palaeozoico* — composto das rochas do systema *siluriano*, *devoniano* e *carbonifero*.

Ao systema *siluriano* se referem as serras do Espinhaço, entre Minas e Bahia, e as da Mantiqueira, no Estado de S. Paulo, e em outros do Brasil.

As formações das montanhas situadas de ambos os lados do Rio São Francisco pertencem à época *siluriana* ou *devoniana*, a julgar-se pelos fósseis encontrados nos estratos de grez duro e azulado e schisto argiloso.

c) Terreno *Carbonifero* — o Chapadão Amazonico é, em sua maior parte, composto de grez e schisto argiloso, cuja idade geologica ainda não foi sufficientemente determinada, por não terem sido ali encontrados fósseis.

d) Terreno *Triasico* — Pertencem à idade *triasica* alguns terrenos da bacia do Paraná, no sul do Brasil.

e) Terreno *Cretaceo* — A esta formação são referidos os planaltos dominantes nos Estados de Pernambuco, Bahia e Alagoas, em razão do apparecimento de grez e schisto argiloso, nos quaes se têm encontrado fósseis correspondentes à formação da bacia do Parnahyba, repositório de excellentes *specimens* de peixes fósseis da idade *cretacea*.

No Ceará, ha tambem vestigios dessa formação. Pertencem com algum fundamento a esta idade as camadas de grez com folhas fósseis, que se encontram nas circumvisinhanças de Monte Alegre (Pará). Esta época *cretacea* se revela igualmente, na região do Alto-Amazonas, com o apparecimento de reptis fósseis.

f) Terreno *Terciario* e *Quaternario* — Os depositos de agua doce contendo lignitos e encontrados nos valles do Alto-Parahyba e do Alto-Tietê (São Paulo), e em varios pontos de Minas Geraes, attestam a formação *terciaria*, não se podendo, entretanto, concluir da mesma forma para o grande planalto continental.

Concorrem para confirmar a existencia de uma época *quaternaria* o apparecimento de depositos fluviaes e lacustres, bem como o

de uma camada terrosa, que se estende quasi por toda a superficie do planalto e resultante da denudação sub-aérea.

A despeito das afirmações de alguns geólogos, tem a nossa geologia demonstrado a não existencia de depositos glaciaes em o nosso solo.

As extensas camadas encontradas nas terras baixas e alagadiças da depressão Amazonica, resentem-se de uma formação *quaternaria*, e talvez de recente origem *terciaria*.

Perteuce, igualmente, a estas duas formações a depressão do Paraguay, notavel pelos seus gigantescos mamíferos fósseis.

§ XIV

RECAPITULAÇÃO DOS TRABALHOS DO SABIO LUND SEUS PREDECESSORES

Como já tivemos occasião de escrever, mesmo nesta *Memoria*, cabe aos estudiosos filhos de Minas Geraes o direito incontestado de reivindicar para a sua terra natal a prioridade nas indagações da Paleontologia no Brasil, pois já no seculo XVIII.^o, em plena era colonial, sob o dominio portuguez, os distinctos Mineiros Luiz Fortes de Bustamante e Sá, Simão Pires Sardinha, Joaquim Velloso de Miranda, José Alvares Maciel e Domingos Vidal Barbesa (estes dous ultimos tão notoriamente em destaque, na Conspiração Mineira, 1789-92) iniciaram estudos a respeito dos fósseis existentes na Capitania.

Nestas indagações encontramos outros naturalistas Mineiros, já na passagem do seculo XVIII.^o para o XIX.^o, e seguindo as tradições de Sardinha, Bustamante, Miranda, Maciel e Vidal, no terreno scientifico, que pisam com maior segurança e maior cabedal de estudos. Esses sabios foram: os irmãos José de Sá Bittencourt Accioli e Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá, os tambem irmãos José e Manoel Vieira Couto, todos 4 filhos do agreste e saudavel sertão norte-Mineiro e que nos fins da centuria atrazada (sec. 18.^o) haviam cursado Universidades europeas (Coimbra, Montpellier, Freyberg, Paris...), trazendo para Minas a predilecção pelos estudos de sciencias naturaes, sempre muito cultivadas pelos nossos patricios, mesmo os não profissionaes (a botanica, por exemplo).

Entretanto, justo é que confessemos: no Brasil, na America do Sul, cabe á nobre figura de Lund a gloria immarcessivel de ter tirado do cahos, no sec. 19.^o, a nossa Prehistoria. Foi elle o primeiro que deo fóros scientificos ás pesquisas paleontologicas, e sobrepujou a todos os que antes d'elle se occuparam de taes assumptos em nossa Patria. Vamos melhor estudar o grande sabio, a respeito de quem já ficaram consignados alguns dados, nos paragraphos anteriores desta

Memoria. É uma figura altamente sympathica a desse proclamo europeu do Norte, bem conhecido dos Mineiros em particular e de todo o mundo culto em geral. Sabe-se que o sabio dinamarquez Lund viveo (como já eu disse, no vol. II do *Annuario de Minas Geraes*) qual um cenobita, em um quieto arraial mineiro, a *Lagoa Santa* (a 8 legoas de Ballo Horizonte, actual capital do Estado), desde 1834 e alli falleceo a 5 de maio do anno de 1880, depois de 46 annos de residencia em terra brasileira.

Nascido em Copenhague (*Kjopenhavn*), a 14 de junho de 1801, bacharel em sciencias e letras (1818), doutor em philosophia (1827), vindo pela primeira vez ao Brasil, tres annos depois da Independencia, aqui esteve de dezembro de 1825 a fevereiro de 1826, retornando segunda vez, ao nosso paiz, em janeiro de 1833, e definitivamente, pois nunca mais sahio do centro de Minas, onde se internou por quasi meio seculo de existencia. A razão de Pedro Guilherme Lund ter escolhido o obscuro arraial da *Lagoa Santa* para sua residencia, em Minas, de 1834 a 1880, (anno de sua morte), foi porque, sendo um tuberculoso, de organismo fransino e debil, os saluberrimos ares da quella povoação lhe garantiram a conservação da vida por mais tempo do que elle suppunha durar a sua existencia. Clima saudavel e ameno, alli constituiu elle a sua Thebaida, levando uma vida pacifica e suave, repartida entre os cuidados da sciencia e os beneficios prestados á população do logar, que muito o venerava. Antes de se estabeler na *Lagoa Santa* (o logar tira o nome da bellissima e vasta lagoa ahi existente, cujas aguas se diziam virtuosas, dotadas de poder curativo para certas molestias, segundo analyse do medico italiano dr. Cialli, confirmada pela crença do povo), o dr. Lund estivera na *Penha*, a 3 legoas de Caethé e que é outro sitio alpestre reputado, geralmente, um clima europeu, temperado pela viração constante que desce da *Serra da Piedade*. Preferio, entretanto, a *Lagoa Santa*, onde residio na casa, que ainda lá se conserva.

Era Lund uma figura impressiva de sabio, olhar doce, fronte aberta, typo delicado de homem louro do Norte, trazendo o cunho fidalgo de sua raça. (*)

(*) Junto ao original desta *Memoria*, entregue á Secretaria do 3.^o Congresso Scientifico-Latino Americano, foram os dous preciosos retratos do Dr. Lund e de Domingos S. Ferreira Penna (os eminentes naturalistas aos quaes dedicamos o nosso humilde trabalho), para serem reproduzidos na publicação final das theses do referido Congresso. Conseguimos a reprodução do retrato de Lund de um que obsequiosamente nos emprestou o distincto escriptor mineiro sr. Gustavo Penna; mandámos reproduzir tres exemplares: um que offerecemos ao Instituto Historico Brasileiro, outro ao Congresso Latino-Americano e outro que conservamos em nosso gabinete de trabalho. O retrato de Domingos Ferreira Penna conseguimos o-o, reproduzindo um que acompanha o esboço biographico do modesto sabio Mineiro, editado em folheio pelo notavel publicista nacional sr. José Verissimo.

O retrato a oleo de Lund e alguns quadros e telas de Lagoa Santa e da casa em que viveo o sabio, feitos por Honorio Esteves, estão na Secretaria do Interior e no Archivo Publico de Minas. (Nota do A.)

Dous artistas mineiros, Hyppolito Caron (fallecido em 1892) e Honorio Esteves (da Escola Normal de Ouro Preto) estiveram, de proposito, no arraial da *Lagoa Santa*, onde foram estudar o local e a casa, em que viveo por tantos annos o solitario sabio dinamarquez. Desses dois pintores existem notaveis quadros e retratos (reproduções) do Lund; e na *Bibliotheca da Escola de Minas, em Ouro Preto*, ha um perfeito retrato a oleo do grande europeu, o creador, o «Pae da Paleontologia no Brasil», na phrase de Goeldi. Como partito do Lund, e foi elle quem despertou entre nós o gosto pelos estudos da *prehistoria americana*, tambem após elle os achados e descobertas fósseis se multiplicaram no Brasil, desde a segunda metade do seculo XIX.º E' justo, portanto, que citando os traços geraes da vida e dos trabalhos de Lund, explanemos algumas ideas geraes do assumpto. A divulgação dos trabalhos de tantos cientistas eminentes, europeos e norte-americanos, sobre a antiguidade do homem no globo, se accentuou nas gerações dos ultimos trinta annos, no seio das nossas Escolas superiores, Institutos scientificos e centros de maior cultura do paiz, no Recife, na Bahia, no Rio de Janeiro, em Ouro Preto, em São Paulo e Porto Alegre, vindo do Norte a Sul do Brasil.»

Seguia-se ao estudo de Lund (no livro cit.) uma parte já condensada no parographo 2.º desta *Memoria*.

Entretanto, mesmo em risco de cansar o leitor, aqui a reproduzimos.

Já não era um mytho no Brasil, a antiguidade do homem prehistorico, de que se recolhiam vestigios e rudés instrumentos da sua industria primitiva, armas e utensilios de pedra, ossadas do seo esqueleto e dos animaes delle contemporaneos. Vamos, portanto, demonstrar que a Paleontologia brasileira é criação incontestavel do dr. Peter Wilhelm Lund. Diz o eminente polygrapho sr. dr. Sylvio Romero (*Hist. da Literat. Brasil*, tomo I, pag. 20), que foi o dr. Lund «o homem que melhor conheceo a prehistoria do Brasil.» Das theorias do sabio dinamarquez—exaradas nas celebres *cartas* publicadas na *Rev. do Inst. Histor.* (vols. 7.º e 11.º; principalmente a do tomo de outubro de 1844), dá o professor sergypano um leve resumo; e baseado na auctoridade de Peter Lund, acredita na grande antiguidade da raça autochtonica americana, aceitando por conseguinte «a origem polygenista do homem, defendida por Morton, Nott, Agassiz, Littré e Broca», mas que (dizemos nós) é fortemente combatida pelos «grandes nomes de Linnæo, Buffon, Cuvier, Lamark, Humboldt, Geoffroy-Saint-Hilairee. De Quatrefages»—partidarios extremos da *unidade da especie humana, composta de varias raças*, conforme opina J. de Crozals, na sua *Histoire de la Civilisation*, vol. I, pag. 23. E um outro professor sergypano, o sr. dr. João Ribeiro, em posição opposta á assumida pelo seo sabio conterraneo, escreve que «o monogenismo é a doutrina que reúne a seu favor até hoje o maior numero

de testemunhos da observação.» (No cap. *Raças humanas*, pag. 47, da *Hist. Antiga do Oriente e Grecia*). Mas voltemos ao «Solitario da Lagoa Santa».

Os despojos dessa obscura era prehistorica brasileira, os *fósseis* da época *quaternaria* no planalto mineiro, os thesouros da ignota paleontologia nacional, foram arrancados por Lund no recinto das 250 cavernas, grutas e lapas por elle pacientemente visitadas, exploradas e descobertas, na zona de terrenos calcareos da bacia do *Rio das Velhas*. Zaborowski e Z. Moindron, citados pelo sr. dr. Sylvio Romero, elevaram, exaggeradamente, a *oitocentis* o numero das cavernas exploradas por Lund.

Na *Lagoa Santa*, as grutas dos arredores do arraial, e mais outras diversas grutas e cavernas, nos municipios mineiros, convizinhos; de *Santa Luzia*, *Sete Lagoas* e *Curvello*—como sejam as grutas do *Sumidouro* e *Fidalgo*, da *Cêrca Grande*, do *Mosquito*, do *Sacco Comprido* e, entre todas, a vasta, formosa e labyrinthica *Lapa do Maquiné*, a 6 kilometros da actual estação ferrea de *Cordisburgo (Vista Alegre)*; attestam quanto nellas sondou, pesquisou, arrecadou, o genio investigador do eminente naturalista da Jutlandia, que, pelo coração e pelo fecundo labor scientifico, foi mais um sabio do Brasil do que da Dinamarca.

O que ainda sabemos de melhor sobre os *fósseis* do Brasil, na região central mineira, e sobre o *homem das cavernas* ou o nosso *homem prehistorico*, devemos ás sabias investigações de Peter Lund, communicadas originalmente, em idioma dinamarquez, ás revistas e sociedades scientificas da Escandinavia e da Dinamarca, sua patria, (vide a obra *Antiquitates Americanae*, de Copenhague) e daí divulgadas pelos centros cultos da Europa e da America, medcante versões em allemão, francez e inglez.

Ao tempo em que Peter Lund enviava do Brasil para o seo paiz de nascimento os resultados das suas pesquisas, nas grutas ossíferas do planalto Mineiro, lá — na Dinamarca — se creava, sob a direcção de Thomsen, o *Museo Ethnographico* de Copenhague, e os estudos prehistoricos caminhavam illuminados pelo saber de Nilsson (professor na Universidade de Lund, cidade dinamarqueza) e dos professores Forchammer, Worsaae e Steenstrup, que foram por muitissimos annos os directores dos afamados museos da Capital Jutlandica.

No pequeno reino do Norte, a efficaz protecção do Parlamento e do velho soberano Christiano IX, não deixava perecer a obra desses eminentes sabios; e alli eram cotadas como de subida valia as contribuições scientificas do dr. Lund.

O Museo de Antiquidades Americanas, de Copenhague (que tem mais de 30 mil objectos prehistoricos e foi fundado, como 'se sabe, pela «Real Sociedade dos Antiquarios do Norte»,) guarda inpressan-

tes e valiosos fósseis idos do Brasil, e os conserva com carinho na *Secção Lund*.

Dous professores da nossa Escola de Minas, os srs. drs. Henri Gorceix (valiosa *Memoria* sobre Lund, no n. 3 dos *Annaes* da dita Escola, 1884,) e o dr. Leonidas Botelho Domasio (este em varias versões do francez para portuguez, de algumas das principaes *Memorias* do sabio dinamarquez), iniciaram a divulgação, entre nós, dos estudos do dr. Lund.

As traducções do professor Leonidas constam da *Revista do Arquivo Publico Mineiro* (tomo V, pag. 3 a 90; tomo VI, pag. 27 a 88; tomo VII, pag. 767 a 809; tomo VIII, pag. 853 a 877).

Pertencem as 4 *Memorias* traduzidas e já publicadas, ao importantissimo trabalho de Lund: «*Estudo summario do reino animal no Brasil antes da ultima revolução do Globo*»—reputado «o escripto capital do sabio Lund», no juizo do traductor.

Deve-se ao magnanimo sr. Dom Pedro II a transladação dessas *Memorias* do original dinamarquez para a lingua franceza, tendo aquelle soberano efferecido a versão em francez ao sr. professor H. Gorceix, para que as referidas *Memorias* fossem publicadas nos *Annaes* da Escola de Minas, depois de convenientemente passadas ao vernaculo; e, de facto, sahiram duas dellas nos fasciculos 3.º e 4.º (1884 e 85) dos *Annaes*, em Ouro Preto.

Interrompidas durante annos a traducção portugueza e a respectiva publicação, o sr. professor Leonidas as continuou, muito recentemente, como já vimos, na *Rev. do Arquivo Mineiro*.

A 1.ª memoria (*Introdução*), o dr. P. Lund datou-a de 14 de fevereiro de 1837; a 2.ª (*Mammiferos*), de 16 de novembro ainda de 37; a 3.ª (ainda *Mammiferos*) de 12 de setembro de 1838; e um *Supplemento* à 2.ª e à 3.ª *Memorias*, em 7 de abril de 1839.

Vem depois um *Appendice* das observações sobre os animaes fósseis do Brasil, em 27 de março de 1840; a 4.ª *Memoria* (continuação dos *Mammiferos* extintos do valle do Rio das Velhas), em 30 de janeiro de 1841, seguida de *Notas, Listas de Fósseis* e um *Appendice*.

Todas estas *Memorias*, já o dissemos, o dr. Lund as remettia, em original, à *Academia de Sciencias* e à *Sociedade dos Antiquarios do Norte*, ambas em Copenhague.

Quem quizer ver outros trabalhos de Lund, como por exemplo: *Cavernas existentes no calcareo do centro do Brasil, algumas das quaes encerram ossadas fósseis*, terá de perder tempo a catar revistas nas collecções de bibliothecas. Assim, nos tomos 4.º (anno de 1842) e 6.º (anno de 1844) da *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, ha duas interessantes cartas de Lund, a que já nos referimos, e nas quaes elle descreve as suas primeiras descobertas de ossadas fósseis nos arredores da *Lagoa Santa*. Não ha muito, uma revista do Rio de Janeiro, o *Seculo XX*, reeditou essas cartas, dignas da mais attenta leitura por parte dos estudiosos, e publicou o retrato de Lund por

nós offerecido ao Instituto Histor. Brasileiro, de que é secretario perpetuo o nosso confrade sr. Max Fleiuss, então director daquella revista.

Todavia, as pesquisas paleontologicas, no Brasil, foram—chronologicamente—anteriores a Lund, como elle proprio reconheceo, apontando no fim da 2.ª *Memoria* sobre os Mammiferos (datada de 16 de novembro de 1837), o contingente fornecido ao assumpto por diversos naturalistas.

Lund deo corpo, vida e alcance scientifico a essas pesquisas; mas, a verdade é que a tradição dos animaes gigantescos (genero *Mastodonte*) é muito antiga em nosso paiz.

Por elle proprio o sabemos; eis os dados, que colligio e que ampliamos:

O Padre Manoel Ayres do Casal (*Corographia Brasílica*, tomo I, pag. 78) fala de ossos gigantescos encontrados perto do Rio do Centas, no actual Estado da Bahia; os drs. Joh. Bapt. von Spix e Carlos Fr. Phil. von Martius não só indicaram, posteriormente, que esses restos fósseis procediam de um ser animal, certamente do *Mastodonte*, como ainda referiram a existencia de outros restos fósseis do genero *Megalonix*, nas cavernas do rio São Francisco (em Minas) por onde andaram (1817—1820) esses dous celebres viajantes e naturalistas allemaes. Vido *Reise in Brasilien, Munchen, 1823—31*, por Spix e Martius.

A creença popular, arraigada na massa ignorante, era de que taes ossadas, de tão enormes proporções, pertenciam a homens-gigantes; hoje, porém, essa lenda já foi banida pela sciencia, tanto no Brasil, como nos outros paizes (mesmo europeos), onde ella tinha ingresso nas esmadas do vulgo ingenuo.

Augusto de Saint-Hilaire (*Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et Minas Geraes*—Paris—Grimbert et Dorez—1830, tom. 2.º, pag. 314) cita por sua vez um grande *dente molar* achado no sertão do rio São Francisco e ainda procedente do genero *Mastodonte*.

Vejamos, porém, o proficiente labor do sabio Lund, na solução do problema palaeoethnologico, no Brasil.

Assim, por exemplo, o *homem das cavernas do Sumidouro*, cujo esqueleto foi por elle encontrado, perto da *Quinta do Fidalgo* (municipio de Santa Luzia do Rio das Velhas), parece contemporaneo do periodo *palaeolithico*; e já o *homem dos Sambaquis*, hoje representado pelo *Bugre* das mattas do Paraná, e estudado, craniometricamente, pelo sr. dr. Riquies Poixoto, parece pertencer ao periodo *mesolithico*, a um periodo de evolução ou de transição.

São esses os dous typos constatados, scientificamente, do nosso *homo primigenius* ou do *homo americanus*, no Brasil, ambos do perio-

do quaternario e ambos contemporaneos do *megatherio*—o grande mamífero sul-americano com esse nome classificado por Georges Cuvier, á vista do esqueleto desse animal monstruoso da fauna primitiva dos pampas argentinos, descoberto em 1788, perto de Buenos Ayres.

O illustre sr. Florentino Ameghino, na sua *Antiguedad del hombre en el Plata*, elucidada bem a historia do *megatherium* sul-americano, que corresponde, no seu tamanho gigantesco, ao *mammoth* do Velho Mundo. O celebre naturalista Carlos Darwin já havia explorado, em 1835—36, os desertos da Patagonia e o Pampa Argentino, na descoberta de fosseis; e o dr. Francisco Moreno (o sabio director do Museo Antropologico e Archeologico de Buenos Ayres) renovou de 1876 a 1880 as referidas pesquisas. Das obras desses paleontologistas argentinos nos doram excellentes noticias os nossos confrades srs. Drs. Ramirez, Eugenio e Rod. del Busto, delegados da Rep. Argentina, no 3.º Congr. Scient. Lat. Americano do Rio, em agosto de 1905.

Entretanto, deante das sabias conclusões do dr. Lund, sobre o «*trogodyta da Lagoa Santa*» (como ficou conhecido o homem das cavernas do *Sumidouro*), ainda ficaram pairando duvidas; pois é certo que o estado do «homem fossil do Brasil» ainda não chegou a formular affirmações positivas, como insinuam alguns escriptores brasileiros. E a este respeito merece leitura uma obrinha do sr. dr. João Ribeiro, *Historia Antiga*, Rio, 2.ª edição, in-8.º, onde no fim do capitulo «*O homem prehistorico*», pag. 36, se encontram serias objecções ao assumpto.

Outros ainda querem crêr que o typo do homem prehistorico de Lund seja o grande Simio por elle classificado no genero *Protopithecus brasiliensis*, muito parecido com o homem e contemporaneo de outros generos de mamíferos completamente extinctos; e que habitavam o planalto central mineiro (valle do *Rio das Velhas*) antes da ultima revolução do globo. Ao *Protopithecus*, Lund attribuia uma altura media de 1.º30.

Deste modo, o *Protopithecus brasiliensis* seria coevo do *Euryodon*, do *Hétherodonte*, do *Chlamydotherium*, do *Hophlophorus*, do *Pachytherium*, do *Megalonix*, do *Coelodonte*, do *Leptotherium* e do *Mastodonte*: os representantes mais vultuosos da nossa fauna prehistorica, no periodo quaternario.

Finalizando este pallido bosquejo, devemos dizer que sobre a vida e os serviços do dr. P. W. Lund, no Brasil, merecem consultados: Xavier da Veiga, nos vols. 1.º, 3.º e 4.º das *Ephemerides Mineiras*; o dr. Henri Gorceix, no já cit. n. 3, anno de 1883, dos *Annaes da Escola de Minas*; o Major Annibal Mascarenhas, no seu *Curso de Historia do Brasil*, 1.º vol., pags. 96 a 102; e mais os trabalhos do professor Reinhardt, do dr. Theodoro Langgaard (*O naturalista Lund*), do

venerando sr. Barão Homem de Mello e do erudito sr. dr. Pires do Almeida (destes dous ultimos, em numeros do *Jornal do Commercio*, do Rio).

Pena é que se não tenha ainda reunido, em edição definitiva, o formidavel trabalho do debil «Solitario da Lagoa Santa»—homenagem posthuma a que elle faz jus, por tardia que venha ainda a se realizar.

Neste sentido, o Congresso Federal já se pronunciou, votando no orçamento da Republica, em fins de 1905, uma emenda do deputado mineiro dr. Pandiá Calogeras, concedendo verba para a publicação das obras de Lund.

§ XV

MISSÕES SCIENTIFICAS NO BRASIL OS TRABALHOS DE AGASSIZ E HARTT

No Brasil, falta-nos, sobretudo, a continuidade de taes trabalhos; e que temos provém mais do esforço individual, e ás vezes estrangeiro — força é dizel-o — do que da iniciativa, sempre poderosa e util em toda a parte, dos governos intelligentes. As missões scientificas estrangeiras que têm vindo ao Brasil o são por conta de Museos, Universidades e governos europeos. As missões austro-allemaes de Spix e Martius, de Pohl, do principe Maximiliano Wied von Neuwied, as francezas de Saint-Hilaire e Castelnau; as allemaes modernas de Paul Ehrenreich, de Carlos von den Steinen; as austriacas modernas de varios naturalistas do Museo de Vienna; as suecas e dinamarquezas, inglezas e até suissas; têm contribuido, enormemente, para esparcar no mundo sabio astrévas reinantes em tudo quanto concerne ao nosso Brasil.

Pouco tem valido o Governo Brasileiro aos raros compatriotas e estrangeiros illustres que no paiz se entregam a penosas expedições, arriscadas travessias para o melhor estudo da nossa flora, fauna, clima, geologia, geographia, indianologia, etc.

Dessas missões estrangeiras, queremos falar um pouco sobre a notavel expedição Agassiz, vinda dos Estados Unidos ao Brasil (1865-1866), especialmente para estudos de historia natural (ichthyologia) no valle amazonico. A ella devemos valiosas observações colhidas sobre a geologia, sobre a fauna e flora fosseis do norte do Brasil.

Com Luiz Agassiz (o sabio suiso nascido em Orbe, 1807, no cantão de Vaud, depois naturalizado norte-americano e fallecido em 1873), vieram por esse tempo ao Brasil varios cientistas norte-americanos: os geologos Carlos Hartt e Orestes Saint John, e os naturalistas John G. Anthony, John A. Allen, o dr. Cutting (medico), o desenhista e escriptor Jacques Burkhardt, o preparador e naturalista William James, além do outros especialistas. M.º Agassiz escreveu

e publicou, de collaboração com seu illustre marido, o interessante livro *Voyage au Brésil (A journey in Brazil)*, que conhecemos pela traducção franceza de Felix Vogeli (Paris, 1869).

Falando de Agassiz, neste momento, occorre nos dizer que neste anno de 1907, foi muito festejado na Suissa o centenario do nascimento do illustre sabio desaparecido em 1873. Houve commemorações em Motiers, em Vully, em Orbe e outras localidades dos cantões de Vaud e Neuchâtel.

A *Sociedade Vaudense das Sciencias Naturaes* reuniu-se em agosto de 1907, e deu-lhe dar a um imenso bloco erratico do Vully o nome de *Bloco Agassiz*. Este bloco é conhecido no paiz pelo nome de *Palacio Rolante*. M. Girardin, da Universidade Catholica de Friburgo, descreveo os progressos da glaciologia desde Agassiz; a cerimonia foi presidida por M. Musy, director do Museo da Historia Natural de Friburgo. O nosso Museo Nacional do Rio de Janeiro possui uma sala dedicada ao notavel filho da Helvetia.

Voltando á missão Agassiz no Brasil, diremos que Anthony, especialista em conchyliologia, Allen, em ornithologia, pouco se demoraram aqui, dirigindo a America do Norte, em 1865.

O braço direito de Agassiz pôde-se dizer que foi o infatigavel professor Carlo Hartt, de Cornell, então muito joven quando veio para o Brasil, nessa missão de 1865-66, e aqui permaneceu até a sua morte prematura, aos 38 annos de idade, em 1878 (18 de março) no Rio.

O governo imperial o aproveitou depois, na missão de organizar a *Carta Geologica do Brasil*, em meados de 1875; e nesse periodo teve Hartt a collaboração efficaz dos drs. Orville Derby, Ch. A. White, John C. Branner, J. M. Clarke, Richard Rathbun e outros, sahendo-se os tres primeiros professores, dos quaes um, o dr. Derby, ainda se conserva no paiz, sendo presentemente o director da Comissão encarregada do levantamento da grande Carta Geologica do Brasil (1907). O excellente trabalho escripto por Hartt, sob o titulo *Geology and Physical Geography of Brasil*, foi por elle publicado em 1870, em Boston.

Da missão Hartt, no norte e littoral do Brasil, ficaram estudos e descobertas de valor, principalmente quanto á bacia do Amazonas; e é de prever que da recente missão White, de novo chamado ao Brasil (1903-05), para dirigir a exploração e estudo dos terrenos carboniferos, no sul (Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul) sejam publicadas interessantes informações quanto aos novos achados, nos dominios da nossa paleontologia (fauna e flora fosséis).

§ XVI

OS CREADORES DA GEOLOGIA NO BRASIL

O illustrado sr. dr. Orville Derby, em seu folheto *As Investigações Geologicas no Brasil*, menciona os sabios estrangeiros que mais devotadamente se preocuparam com a geologia do nosso paiz, «tomando a palcontologia como base da classificação scientifica dos terrenos brasileiros». Os allemães enchem todo o primeiro periodo das investigações, começadas com Eschwege e Varnhagen, na segunda década do seculo passado, e proseguidas depois com estudos varios de Spix, von Martius, Johann Pohl, dr. Olfers, Franz Sellow, dr. Weiss, dr. Virgil von Helmreichen, Heusser, dr. Henrique H. Bauer, Carl Von den Steinen, Claus, etc.

Os americanos do Norte, a partir de Agassiz e Hartt até Branner, o proprio Derby, White e Greeley, figuram honrosamente, nessa galeria, nos ultimos 40 annos.

Os francezes, igualmente, deixaram traços de suas observações geologicas no Brasil: A. de Saint-Hilaire, Alcide d'Orbigny, E. Pissis, Castelnaud e d'Oséry, dr. Perigot, Prof. Henri Gorceix, Paul Ferrand, Arthur Thiré, Emmanuel Liais. Assim tambem os inglezes: John Mawe, Darwin, Chandless, Rich. Burton, Williamson, Woodward, etc. Madeiras, vegetaes e reptis fósseis, ossadas de animaes contemporaneos dos terrenos de transição, são contribuições que a paleontologia brasileira deve a esses viajantes e especialistas europeos.

Como já escrevi, num estudo biographico sobre Fernando Martinot (vide *Anuario de Minas*, II vol. pag. 610 e 611), «grande pena é a minha por não poder desses illustres estrangeiros mais o melhor dizer. A vida desses laboriosos e inteligentes europeos, que exploraram os invios sertões de Minas Geraes, no recesso das nossas florestas virgens, no amago das nossas mattas; que percorreram os desertos valles do rio Doce, dos rios Mucury, Jequitinhonha e São Francisco; está pedindo os carinhos pesquisadores de algum espirito voltado para as cousas do passado...

Muito haverá que dizer de homens como Victor Renault, Guido Thomas Marlière, Martinot, Jean Moussier, E. Liais, Francis de Castelnaud, E. d'Oséry, Freyriss, Auguste de Saint-Hilaire, Saint-Adolphe, E. Pissis, d'Arincourt, Descourtiz, Borell du Vernay, Ferrand, Gorceix, todos Francezes, uns naturalistas (botanicos, zoologos) outros geologos, uns viajantes, outros engenheiros e geographos, que per-lustraram o territorio mineiro no seculo XIX. E nem só Francezes como Allemães: Virgil von Helmreichen e Heusser (geologos), Fred. von Sellow (botanico), Wilhelm von Eschwege, Halfeld, Gerber (mineralogistas e engenheiros), Carl Schreiner, Von Martius e Spix (naturalistas); Inglezes: John Mawe (viajante), Herwood e dr. Williamson

(metallurgistas); Dinamarquezes e Suécos: Peter Lund, Claussen e Regnell; Austriacos: Joh. Pohl, Olfers, Claraz...; todos esses, de algum modo, ligados ao desvendamento das copiosas riquezas acumuladas, neste abençoado solo de Minas Geraes.»

E do tempo em que por Minas Geraes andaram esses beneméritos cientistas, no final do X paragrapho desta *Memoria* encontrará leitor benevolente alguns informes.

De Saint-Hilaire e Eschwege alli (*loc. e § cit.*) demos alguns traços biographicos.

Tolerado nos seja ainda completal-os agora, neste §, quanto ao conhecido viajante inglez John Mawe, excellentemente estudado pelo illustrado dr. Alfredo de Carvalho, nas linhas seguintes:

«Na opulenta literatura de viagens no Brasil, apparecida no transcurso do seculo XIX, o numero das especies relativas a Minas Geraes é apenas excedido pelo das consagradas ao maravilhoso valle do Amazonas.

Logo que, com a transmigração da Familia Real portugueza, cessou o regimen de reclusão colonial, o seo territorio começou a ser visitado por naturalistas europeos attrahidos principalmente pela fama das suas prodigiosas riquezas auríferas e diamantinas.

O primeiro desta falange de viajantes foi o mineralogista inglez John Mawe.

Nascido no Derbyshire, em 1764, já era reputado entre os cultos notaveis da sua sciencia predilecta, quando, em 1804, empreheo a viagem á America Meridional.

Depois de demorar-se algum tempo em Montevideo e Buenos-Aires, onde tomou parte na malfadada expedição de Whitelock, veio para o Brasil. De passagem tocou em Santa Catharina, e desembarcando em Santos, subiu para São Paulo, indo visitar as minas de ouro de Jaraguá, de cuja exploração nos deixou curiosa e circumstancia da noticia.

Voltando a Santos, seguiu para o Rio de Janeiro e alli permaneceu até principios de 1809, entregue a varias occupações e exerceo por pouco tempo o cargo de director da fazenda real de Santa Cruz.

Em companhia de outro inglez, o dr. Gardner, realisou então uma excursão a Cantagallo, na qual teve ensejo de examinar a mina de Santa Rita, bem como uma supposta jazida argentifera, que verificou não ter prestimo.

«A paixão pela mineração, observou a proposito, prevalece fatalmente entre as classes baixas do povo e, fascinando-o com a esperança de rapida fortuna, cria nelle a repugnancia ao trabalho e lança-o na mais abjecta miseria. Mesmo entre as poucas familias deste districto notei alguns exemplos dos seus effeitos: os individuos exclusivamente occupados em minerar andavam todos mal vestidos e peior

alimentados, enquanto que os dedicados á lavoura gosavam de todos os confortos possiveis».

Depois de repousado das fadigas desta jornada, solicitou do Principe Regente permissão de visitar o Districto Diamantino, favor que ainda não fora concedido a nenhum estrangeiro e que só obteve mercê dos bons officios do Conde de Linhares e da protecção do ministro inglez Lord Strangford.

A 17 de agosto de 1809 deo começo á sua viagem para Villa Rica, «viagem, diz elle com orgulho, que nenhum inglez até então emprehendera, por não lhe ser permittido transpor a barreira de montanhas alpestres que se estende ao longo da costa».

Chegando á antiga capital das Minas, que descreve com colorido pittoresco, visitou com grande interesse a respectiva Casa de Fundição e ancioso por alcançar a região diamantina, dirigio-se para a cidade de Mariana, de onde fez excursões ás fazendas do Barro e do Crasto, pertencentes ao Conde de Linhares.

Mas, a parte mais interessante das suas viagens consiste nos capitulos consagrados á sua residencia em Tejuco, sédo do Districto Diamantino, ás visitas ás lavras dos rios Jequitinhonha e Pardo, ás informações sobre os districtos de Minas Novas e Paracatú e á descripção classica do famoso diamante achado no rio Abaeté; nelles se encontram em abundancia materiaes preciosos e ainda hoje aproveitaveis para o estudo da geologia e mineralogia da região mineira.

Não têm a mesma importancia e na actualidade possuem, talvez apenas interesse historico, os capitulos restantes contendo observações sobre o Tejuco e Serro Frio; a chorographia de Minas-Geraes; breves noticias sobre as capitancias da Bahia, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Pará e Goyaz; a descripção geographica da capitania do Matto Grosso; noticia sobre a capitania do Rio Grande, e observarções geraes sobre o commercio da Inglaterra com o Brasil. No appendice, figuram ainda considerações sobre os processos de cultura empregados na fazenda de Santa Cruz e sobre o regimen do trabalho escravo nas minas.

Obra de um mineralogista, sobre tudo apaixonado pelos seus estudos especiaes, o livro de viagens de Mawe resente-se, em geral, de certa aridez scientifica e é pobre em observações relativas aos usos e costumes dos habitantes da zona percorrida; faltam-lhe a variedade episodica e o elemento paisagistico, que tão captivante em canto sabem emprestar a este genero literario.

Entretanto, a novidade do seo conteúdo despertou tamanha curiosidade que o livro, primeiramente publicado em Londres, em 1812, teve logo repetidas edições inglezas e uma norte-americana (*Philadelphia, 1816*), e foi traduzido, para o francez, por J. B. B. Eyries (*Paris, 1816*), para o allemão, por Ehb. A. W. von Zimmermann (*Bramberg e Leipzig, 1816-17*), para o italiano (*Milão, 1817*), para o

hollandez (*Haarlem, 1817-18*) e finalmente para o portuguez, por iniciativa de Frei Polydoro de N. Senhora da Lapa (*Lisboa, 1820*). (*) As gravuras lithographicas da primeira edição foram egualmente reproduzidas em numerosas obras posteriores, como representando aspectos typicos da vida mineira.

Mawe publicou ainda, em 1813, um *Tratado sobre diamantes e pedras preciosas*, comprehendendo a sua historia natural e commercial, em que allude aos seus estudos brasileiros, e veio a fallecer, em Londres, a 26 de outubro de 1829.

§ XVI

MODERNAS CONTRIBUIÇÕES AO ESTUDO DA GEOLOGIA BRASILEIRA.

Mais modernamente, têm continuado a apparecer outros estudos geologicos calcados sobre a Paleontologia brasileira. Do dr. Ch. A. White conhecemos as *Contribuições á Paleontologia do Brasil*, publicadas no Rio de Janeiro, em 1887. E' um trabalho original e forte, bem documentado. Em 1894, no *Jornal da Sociedade Geologica de Londres*, o dr. John W. Evans publicou importante *Memoria sobre a geologia do Estado de Matto Grosso*.

E. Williamson tratou da geologia da Parahyba e de Pernambuco, perante a *Manchester Geological Society* (1867); mas a traducção de seu trabalho é muito recente (1904).

Em Minas Geraes, ha varios estudos interessantes sobre a natureza dos nossos terrenos mineraes, sobre o *facies* geologico do paiz e firmam-nos os srs. H. Gorceix, Paula Oliveira, Costa Sena, Antonio Olyntho, Arthur Guimarães, J. F. de Paula, Carlos Prates, Pandiá Calogeras e tantos outros engenheiros sabidos da *Escola de Minas de Ouro Preto*.

O engenheiro Alvaro Astolpho da Silveira, á frente da extincta «Commissão Geographica e Geologica» do Estado de Minas, até 1900, trouxe muita luz ao problema paleontologico entre nós; nos boletins e cartas parciaes já publicados dessa utilissima Commissão scientifica, bem como nos relatorios, pesquisas, estudos, levantamentos, medições e outros trabalhos feitos, ha incalculavel somma de dados interessantes sobre fósseis, inscrições lapidares, glyphos, etc.

A «Commissão Geologica» do Estado de São Paulo, por sua vez entregou, durante muitos annos, á proficiente direcção do citado sr. dr. Orville Derby, auxiliado, efficazmente, pelo professor dr. Eugenio Hussack, tambem muita luz derramou sobre as questões paleontologicas, no visinho Estado. Quanto á geologia de nosso littoral, seria

(*) As traducções italiana e portugueza ficaram incompletas.

crime calar os notaveis estudos do sr. professor dr. John C. Branner, sabio Vice-Presidente da *Leland Stanford Junior's University*, da California, e que tem estado no nosso paiz por tres vezes (1876, 1899 e 1907).

Esse eminente sabio norte-americano, tão affeioado ás cousas do Brasil, tem publicado innumerados trabalhos especiaes, cuja total enumeração seria fatigante. Contentemo-nos em citar tão sómente:

— *A Bibliography of the Geology, Mineralogy and Paleontology of Brasil*, apparecido em 1903, 115 pags. e contendo 1.203 titulos de obras de especialistas, viajantes, geographos e escriptores em geral que tenham tratado directa ou indirectamente, da geologia brasileira.

— *The stone reefs of Brasil, their geological and geographical relations, with a chapter on the coral reefs*, publicado em 1904, 285 pags., 104 grav. e 99 estampas; trabalho esse em que o douto prof. Branner prosegue nos seus admiraveis estudos anteriores sobre *A geologia da Costa do Brasil*, de que tão interessantes traducções portuguezas nos têm dado os illustres escriptores pernambucanos, drs. J. Bapt. Regueira Costa e Alfredo de Carvalho.

O ultimo capitulo da 2.ª obra cit. de Branner contem uma analyse dos recifes de coral da costa brasileira, pelo prof. Arthur W. Greeley.

Pelo exposto, vê-se o quanto devemos aos sabios americanos Hartt, Branner, Derby, Greeley, White, benemeritos propulsores dos estudos geologicos e paleontologicos no Brasil.

§ XVII

COLLECÇÕES DE FÓSSEIS NOTAVEIS NO BRASIL. RECENTES ACHADOS PREHISTORICOS EM VARIOS PAIZES

Si foramos enumerar todas as noticias conhecidas sobre monumentos e antiguidades prehistoricas, no Brasil, longe iriamos.

O Muséo Paulista, sabiamente dirigido pelo professor dr. H. von Ihering, no Ypiranga, contem varios fósseis interessantes, colhidos naquelle Estado e alhures, todos devidamente classificados, na *Sala B. II* (Paleontologia).

Outras collecções de fósseis possuem os Museos de Porto Alegre (no Rio Grande do Sul, director prof. F. Rod. Simch); o *Museo Paranaense* de Belém do Pará (*Museo, Goeldi* até ha pouco dirigido pelo notavel professor Emilio Goeldi, que acaba de regressar para a Suissa, (1907) seu paiz natal); o *Museo Amazonense* de Manaus (dirigido pelo sr. dr. Bach); o *Instituto Archeologico* do Recife (de Pernambuco), do Ceará (Fortaleza), o novo *Museo Paranaense*, de Corytiba (dirigido pelo sr. Romario Martins), a *Escola de Minas* de Ouro Preto (sob a

direcção do dr. Costa Sena); e mais rico que todos, em collecções numerosas, o grande *Museo Nacional* do Rio de Janeiro.

Em Minas, está fundado o Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes (julho-agosto 1907), ao qual, fatalmente, será annexado um pequeno Muséu. Pretendiamos, na sessão legislativa de 1907, da Camara Estadual, apresentar um projecto de lei, creando, modestamente, o *Muséu Mineiro*; e para isso já tinhamos até consultado ao grande mestre sr. prof. dr. J. Bapt. de Lacerda (director do Muséu Nacional), que nos forneceu um excellento plano das secções, do pessoal e do orçamento do referido Muséu, cuja criação se impõe de modo inadiavel.

A premencia da situação financeira do Estado nos obrigou, emtanto, a adiar para melhor oportunidade a apresentação do projecto.

Emquanto, no correr dos primeiros mezes de 1905, se armava nos Estados Unidos o enorme esqueleto do *Dinosaurus*, cujas ossadas foram encontradas nas cavernas de *Rock-Mountains*; aqui, no extremo noroeste do Brasil (no territorio federal do Alto-Juruá), o então coronel de engenheiros sr. dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo desenterrava fósseis de alto valor, já doados ao Muséu Nacional (da Quinta de São Christovam).

Os fósseis do Juruá (1904) são restos da fauna quaternaria, na bacia amazonica, ossadas de animaes gigantescos, emigrados de Alémdes, e que foram contemporaneos do *Megalherium*, do *Mammouth* ou *Elephas primigenius*, do *Myloodon robustus*, etc.

Aliás, as descobertas ante-diluvianas se multiplicam pelo mundo inteiro.

Na Oceania, além dos estudos do explorador allemão Wilhelm Dames—que descobriu e reconstruiu o esqueleto do *Gibbons*, grande macaco da ordem dos anthropoides da Malasia—, appareceram ha poucos annos os trabalhos do paleontologista hollandez, dr. Eugenio Dubois, (professor de geologia da Universidade de Amsterdam), e que levantaram grande celeuma, nos centros scientificos, a proposito do *Pithecanthropus erectus*, reconstruido por esse professor flamengo, á custa de quatro peças do esqueleto primitivo do «Homem-macaco» (como ficou chamado o *Pithecanthropus*), descobertas por Dubois, em 1894, numa elevação do terreno eruptivo, em Trinil, na Ilha de Java.

Foi ali, perto da ribeira de Bengawan, em tufo vulcanico fossilifero, que o dr. Dubois, excavando, achou o craneo, o fémur e os molares desse animal—meio simio, meio homem (!)—por elle reconstruido, conforme o admiravel modelo (producto de sua imaginação de sabio e artista) que se exhibiu na Exposição de Paris (1900), no pavilhão das Indias Neerlandezas. Foi a esse modelo que Dubois baptizou com o nome scientifico de *Pithecanthropus* (de radicaes gregas—*macaco e homem*).

Mas, que dissidio de opiniões a respeito desse supposto e debatido antepassado do homem!

Nada menos de vinte e uma opiniões descontraçadas levantou entre os sabios do Velho e Novo Mundo a descoberta do arrojado professor de Amsterdam!

Entre nós, aqui no Brasil, houve, em 1893, um debate scientifico travado a respeito do *Pithecanthropus erectus* de Dubois. Deo-se em S. Paulo, entre dous naturalistas allemães, alli residentes: o professor H. Von Jhering (director do Muséu Paulista do Ipiranga) e o professor Carlos Euler. Este sustentava que «a capacidade encephalica do *pithecanthropus* é pequena de mais para ser a de um homem e grande de mais para ser a de um *anthropoide*»; e a razão deo-a Euler: «é porque a capacidade de um craneo fossil attinge a 900 ou 950 centimetros cubicos, ao passo que a dos maiores anthropoides não passa do 500 centimetros cubicos.»

O sr. dr. Henrique Von Jhering disse: «A discussão sobre o *Pithecanthropus*, não obstante terem tomado parte nella os naturalistas mais competentes, não deo resultado. São e continuam a ser diferentes as opiniões dos especialistas: para uns é signal que o *Pithecanthropus*, embora mais homem que anthropoide, merece o interesse que a elle ligou Dubois e com este todo o mundo sabio. Creio que neste ponto a discussão ha de ficar até que sejam encontrados restos mais completos com queixadas e dentes. A falta das partes mais caracteristicas do craneo faz impossivel qualquer classificação zoologica segura.»

(Vide tomo IX, 1897, pags. 191-192, da *Revista Brasileira*, do Rio de Janeiro).

E' o caso do *tot capitae, quod sententiae...*

Ainda recentemente, Portugal (onde os estudos prehistoricos caminham devido ao tenaz esforço do geologo Carlos Ribeiro, segundo nol-o diz Consiglieri Ped reso), vio surgir uma interessante descoberta a 2 legoas de Amares, no Douro: uma cidade soterrada a mais de 10 metros de profundidade, com um necroterio de mais de 20 tumulos, varios edificios, idolos, etc.—cidade que parece remontar aos Lybios (povo que esteve na Peninsula Iberica 3.000 annos antes de Christo). Mas, nem só Carlos Ribeiro e tambem Nery Delgado, Martins Sarmiento, Pereira da Costa, Arruda Furtado e Ferraz de Macedo, esto já por nós citado como auctor da *Ethnogenia brasileira* (Lisboa, 1886), têm sido os impulsioneiros da Prehistoria no velho paiz irmão. A bibliographia portugueza, nos dominios scientificos da «historia natural do genero humano» (conforme Broca definiu a anthropologia), apresenta os seguintes trabalhos, entre outros de valor: *Origens anthropologicas da Europa* do dr. Corrêa Barata; da *Craniologia como base da classificação anthropologica*, do dr. Eduardo Burnay; e *Do methodo em anthropologia*, do dr. Luiz dos Santos Viegas. (Vide *Encyclopedia* do dr. Maximiano de Lemos, Porto, vol. I, 1903).

direcção do dr. Costa Sena); e mais rico que todos, em collecções numerosas, o grande *Museo Nacional* do Rio de Janeiro.

Em Minas, está fundado o Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes (julho-agosto 1907), ao qual, fatalmente, será annexado um pequeno Muséu. Pretendiamos, na sessão legislativa de 1907, da Camara Estadual, apresentar um projecto de lei, creando, modestamente, o *Muséu Mineiro*; e para isso já tinhamos até consultado ao grande mestre sr. prof. dr. J. Bapt. de Lacerda (director do Muséu Nacional), que nos forneceu um excellente plano das secções, do pessoal e do orçamento do referido Muséu, cuja criação se impõe de modo inadiavel.

A promencia da situação financeira do Estado nos obrigou, emtanto, a adiar para melhor oportunidade a apresentação do projecto.

Emquanto, no correr dos primeiros mezes de 1905, se armava nos Estados Unidos o enorme esqueleto do *Dinosaur us*, cujas ossadas foram encontradas nas cavernas de *Rock-Mountains*; aqui, no extremo noroeste do Brasil (no territorio federal do Alto-Juruá), o então coronel de engenheiros sr. dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo desenterrava fósseis de alto valor, já doados ao Muséu Nacional (da Quinta de São Christovam).

Os fósseis do Juruá (1904) são restos da fauna quaternaria, na bacia amazonica, ossadas de animaes gigantescos, emigrados de Alémdes, e que foram contemporaneos do *Megatherium*, do *Mammoth* ou *Elephas primigenius*, do *Mytilodon robustus*, etc.

Aliás, as descobertas ante-diluvianas se multiplicam pelo mundo inteiro.

Na Oceania, além dos estudos do explorador allemão Wilhelm Dames—que descobriu e reconstruiu o esqueleto do *Gibbons*, grande macaco da ordem dos anthropoides da Malasia—, appareceram ha poucos annos os trabalhos do paleontologista hollandez, dr. Eugenio Dubois, (professor de geologia da Universidade de Amsterdam), e que levantaram grande celeuma, nos centros scientificos, a proposito do *Pithecanthropus erectus*, reconstruido por esse professor flamengo, á custa de quatro peças do esqueleto primitivo do «Homem-macaco» (como ficou chamado o *Pithecanthropus*), descobertas por Dubois, em 1894, numa elevação do terreno eruptivo, em Trinil, na Ilha de Java.

Foi ali, perto da ribeira de Bengawan, em tufos vulcanicos fossiliferos, que o dr. Dubois, excavando, achou o craneo, o fémur e os molares desse animal—meio simio, meio homem (?)—por elle reconstruido, conforme o admiravel modelo (producto de sua imaginação de sabio e artista) que se exhibiu na Exposição de Paris (1900), no pavilhão das Indias Noerlandezas. Foi a esse modelo que Dubois baptisou com o nome scientifico de *Pithecanthropus* (de radicaes gregas—*macaco e homem*).

Mas, que dissidio de opiniões a respeito desse supposto e debatido antepassado do homem!

Nada menos de vinte e uma opiniões desencontradas levantou entre os sabios do Velho e Novo Mundo a descoberta do arrojado professor de Amsterdam!

Entre nós, aqui no Brasil, houve, em 1893, um debate scientifico travado a respeito do *Pithecanthropus erectus* de Dubois. Deo se em S. Paulo, entre dous naturalistas allemães, alli residentes: o professor H. Von Jhering (director do Muséu Paulista do Ipiranga) e o professor Carlos Euler. Este sustentava que «a capacidade encephalica do *pithecanthropus* é pequena de mais para ser a de um homem e grande de mais para ser a de um *anthropoide*»; e a razão deo-a Euler: «é porque a capacidade de um craneo fossil attinge a 900 ou 950 centimetros cubicos, ao passo que a dos maiores anthropoides não passa de 500 centimetros cubicos.»

O sr. dr. Henrique Von Jhering disse: «A discussão sobre o *Pithecanthropus*, não obstante terem tomado parte nella os naturalistas mais competentes, não deo resultado. São e continuam a ser differentes as opiniões dos especialistas; para uns é signal que o *Pithecanthropus*, embora mais homem que anthropoide, merece o interesse que a elle ligou Dubois e com este todo o mundo sabio. Creio que neste ponto a discussão ha de ficar até que sejam encontrados restos mais completos com queixadas e dentes. A falta das partes mais caracteristicas do craneo faz impossivel qualquer classificação zoológica segura.»

(Vide tomo IX, 1897, pags. 191-192, da *Revista Brasileira*, do Rio de Janeiro).

E' o caso do *tot capitae, quod sententiae...*

Ainda recentemente, Portugal (onde os estudos prehistoricos caminham devido ao tenaz esforço do geologo Carlos Ribeiro, segundo nol-o diz Consiglieri Ped reso), vio surgir uma interessante descoberta a 2 legoas de Amares, no Douro: uma cidade soterrada a mais de 10 metros de profundidade, com um necroterio de mais de 20 tumulos, varios edificios, idolos, etc.—cidade que parece remontar aos Lybios (povo que esteve na Peninsula Iberica 3.000 annos antes de Christo). Mas, nem só Carlos Ribeiro e tambem Nery Delgado, Martins Sarmiento, Pereira da Costa, Arruda Furtado e Ferraz de Macedo, este já por nós citado como auctor da *Ethnogenia brasilica* (Lisboa, 1886), têm sido os impulsionadores da Prehistoria no velho paiz irmão. A bibliographia portugueza, nos dominios scientificos da «historia natural do genero humano» (conforme Broca definiu a anthropologia), apresenta os seguintes trabalhos, entre outros de valor: *Origens anthropologicas da Europa* do dr. Corrêa Barata; da *Craniologia como base da classificação anthropologica*, do dr. Eduardo Burnay; e *Do methodo em anthropologia*, do dr. Luiz dos Santos Viegas. (Vide *Encyclopedta* do dr. Maximiano de Lemos, Porto, vol. I, 1903).

Do mesmo modo que em Portugal, assim na Hespanha, França e Italia e na America (no Mexico, Perú, Chile, Argentina) para só nos referimos a nações latinas de um e outro continente: em todas ellas se encetam pesquisas demoradas para o estudo dessa nebulosa vida das populações prehistoricas.

§ XVIII

OBJECÇÕES E DUVIDAS LEVANTADAS A' ANTHROPOLOGIA PRE-HISTORICA

Já é tempo de concluir esta *Memoria*.

E não o faremos, sem declarar, mais uma vez, que, longe de termos querido apresentar idéas proprias, aventar hypotheses, formular problemas e exhibir falsa sciencia — ao contrario disso, nos limitámos a condensar um pouco das noções capitais sobre o assumpto e a reunir materiaes do estudo, que, ao nosso juizo, servirão de alguma cousa aos competentes e aos especialistas.

Abalam ainda o nosso espirito de moço as palavras escriptas por um grande pensador e jurista, num livro brasileiro, já citado em outra parte deste nosso trabalho (*Algumas Notas Genealogicas*, São Paulo, 1886, pag. 282):

« Em vão a anthropologia experimental apresenta-se para desmentir a anthropologia revelada.

Em vão mesmo, uma anthropologia denominada *prehistorica*, sem outros documentos que ossos e silex descobertos em cavernas e em camadas stratificadas do sólo, ostenta igual proposito, pretendendo que os primeiros seculos devem ser divididos em edades successivas da *pedra bruta*, da *pedra polida*, dos *metaes* e que os homens primitivos foram selvagens.

O testemunho dos livros sagrados é irrecusavel. Ante essa massa enorme de mysterios, em cujo redor doudejam denominados *sabios*, vêmos perfeitamente Deos presidindo a criação, desde o inicio do mundo. Nem sem Deos a comprehendemos; e, si fôra necessario provar que Elle existe, o melhor argumento seria a mesma criação. »

Com o professor dr. João Mendes de Almeida e tantos outros scientistas brasileiros (os professores, por exemplo, da Escola de Minas de Ouro Preto, são em sua maioria *deistas*), nós duvidamos da *pura sciencia materialisada*, parecendo-nos acertada a convencida formula de Malebranche:

*Dieu est le lien des esprits,
comme l'espace est le lien des corps.*

Já Bossuet, no seculo 17.^o (*Discours sur l'histoire universelle*) admittia essa intervenção divina, que o materialismo moderno faz pra-

ça de querer dispensar, tentando explicar a Humanidade e o Cosmos sem nenhum contacto ou dependencia com Deos.

E' certo que se rebellam contra a criação divina do homem, scientistas como Abel Hovelacque e Georges Hervé, reputados professores da Escola de Anthropologia de Paris. Para elles, no seo tão conhecido livro *Précis d'anthropologie*, a doutrina do *transformismo* está irreductivelmente assentada nestes termos: o homem descende de um antepassado animal e a especie humana só chegou ao completo aperfeiçoamento, após lenta evolução atravez de formas intermediarias.

Outros sabios, Paul Topinard á frente (*Éléments d'anthropologie générale*, 1885), sustentam como verdade scientifica que « o homem actual está separado, anatomicamente, do animal mais proximo a elle por um abysmo profundo cavado pelo tempo e que cada vez maior se torna pelo desaparecimento observado dos typos intermediarios. »

Quem estará com a verdade? *Difficilem rem postulasti...* Em tantas hypotheses aventadas pelo pretencioso *scientificismo* contemporaneo, pôde ser que não exista, precisamente, o *cahos*; mas, pelo menos a *duvida* (e duvidas muito sérias) permanece nos principios cardeaes da chamada « sciencia da Terra e do Homem ».

..

Para elucidar, não; mas para animar o debate servirá, talvez, esta insignificante *Memoria*.

Já dizia Renan que a sciencia moderna reclama as monographias, que especializam os assumptos mais graves, porquanto já não são possíveis hoje as vastas historias, os grandes e exhaustivos tratados que fizeram as delicias de passadas gerações de sabios.

Convem especialisar os assumptos, para que os conhecimentos fructifiquem.

As encyclopedias se fazem de monographias, nos tempos de agora: com estas se levantam construcções gigantescas, em todos os departamentos da sciencia.

E convencidos das verdades contidas nos conceitos de Ernesto Renan, (*L'avenir de la science*, Paris, 1890) para aqui trasladamos — fêcho de ouro — estas formosas palavras, ditas no estylo tão proprio e suggestivo dessa grande escriptor e mestre, agoniado pelas incertezas do sobrenatural:

« Personne n'est donc inutile dans l'humanité. Le sauvage, qui vit à peine la vie humaine, sert du moins comme force perdue. Or, je l'ai déjà dit, il était convenable qu'il y eût surabondance dans le dessin des formes de l'humanité. La croyance à immortalité n'implique pas autre chose que cette invincible confiance de l'humanité dans l'avenir. Aucune action ne meurt. *Tel insect qui n'a en d'autre vocation que de grou-*

per sous une forme vivante un certain nombre de molécules et de manger une feuille, a fait une oeuvre qui aura des conséquences dans la série éternelle des causes.»

Damos aqui por encerrada a nossa dissertação.

Pedimos venia para o obscuro producto do nosso dedicado, porém fraquissimo esforço em prol dos estudos da Prehistoria no Brasil.

Fazemos votos para que deste Congresso Scientifico saiam elucidadas muitas e complexas questões de Anthropologia e Ethnologia Prehistoricas, de Archeologia, Linguistica, e Paleontologia, que interessam ao continente americano.

Os competentes decidirão muitos pontos lacunosos, nessas sciencias, e augmentarão o cabedal para taes estudos, no Brasil e noutros paizes latinos do Novo Mundo.

Assim o cremos e desejamos.

FINIS
Mens et Labor

Nota final.

Esta *Memoria*, concluida e editada em 1.^a edição, ha dous annos e tanto (17-V-1905), em numero restricto de 200 exemplares, soffreo varias modificações e recebeu alguns accrescimos, na presente edição da *Revista do Archivo Publico Mineiro*.

O que se avisa o leitor, por dever de lealdade.

N. de S.

Bello Horizonte (19 Novembro, 1907).

CARLOS OTTONI

THEOPHILO BENEDICTO OTTONI

Memoria biographica lida no Instituto Historico e Geographico Mineiro e publicada em commemoração do 1.^o centenario do nascimento do grande cidadão

1807 — 1907